

## PROJETO CAROLINA MARIA DE JESUS: PRÁTICAS ANTIRRACISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>1</sup>

Nátalie Rogal do Nascimento<sup>2</sup>

Maria Claudia Souza Bertoli<sup>3</sup>

Rafaela Louise Espindola<sup>4</sup>

Maéle Cardoso Avila<sup>5</sup>

### RESUMO

Na primeira infância, são construídos muitos valores e ações que influenciarão durante toda a vida da criança. Portanto, é considerado o período fundamental para o desenvolvimento de uma consciência em relação à temas como o respeito à diversidade. A literatura infantil é uma importante intermediadora de diálogos e reflexões com as crianças, desde que seja mediada com intencionalidade pelo profissional. Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência do Projeto Carolina Maria de Jesus, que partiu das obras desta reconhecida autora brasileira para abordar temas fraturantes, utilizando estratégias lúdicas, sensíveis e significativas. A pesquisa-ação ocorreu durante o ano de 2025 e envolveu nove estagiárias do PIBID e cerca de 30 crianças da Pré-escola da Rede Municipal de Curitiba – distribuídas em duas turmas nos períodos matutino e vespertino. O Projeto teve início com perguntas e curiosidades das crianças, que propuseram uma investigação a respeito da história da vida de Carolina, os desafios enfrentados constantemente, seu trabalho, suas relações pessoais e sociais. No primeiro contato, uma das turmas apresentou uma reação racista e preconceituosa. Com esta situação, houve uma ampliação nos objetivos iniciais do Projeto e passou-se a desenvolver, em conjunto, um trabalho de combate ao racismo oculto presente nas narrativas familiares da comunidade escolar. A história da Carolina Maria de Jesus possibilitou que outros autores, como o Otávio Júnior, fossem estudados, ampliando o repertório literário da turma. Para o fechamento do Projeto, as crianças do período da manhã produziram um telejornal com reportagens, notícias e entrevistas sobre a autora, desenvolvendo comunicação, trabalho em equipe e valores como empatia e respeito à diversidade. O artigo pauta-se nos escritos da autora Carolina Maria de Jesus e nos estudos afro-brasileiros da Lucimar Rosa Dias – escritora de livros infantis, pesquisadora e professora referência da Universidade Federal do Paraná na área de diversidade racial.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Práticas antirracistas, Literatura, Diversidade.

1 Trabalho produzido a partir das vivências no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Federal do Paraná, subprojeto: Alfabetização, Letramento e Diversidade com Literatura Infantil;

2 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, natalie.rogal@ufpr.br;

3 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, mariabertoli@ufpr.br;

4 Graduada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, rafaela.louise@ufpr.br;

5 Professora orientadora: Mestre em Educação, Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, [maeleformacao@gmail.com](mailto:maeleformacao@gmail.com).



## INTRODUÇÃO

A primeira infância constitui um período fundamental para a construção de valores, identidades e formas de compreender o mundo. Nesse contexto, a literatura infantil assume papel relevante nos processos de letramento, ao possibilitar que as crianças tenham acesso a diferentes narrativas, ampliem seu repertório cultural e desenvolvam formas de leitura e interpretação da realidade. Além disso, a inserção de obras que abordam a diversidade étnico-racial contribui para a formação de sujeitos mais críticos e para o desenvolvimento de práticas educativas comprometidas com o antirracismo.

O projeto Carolina Maria de Jesus teve início a partir de uma vivência investigativa, na qual as crianças foram convidadas a explorar uma caixa surpresa, formulando hipóteses sobre seu conteúdo antes de descobri-lo. Ao revelar o que a caixa guardava, encontraram uma boneca de pano representando Carolina Maria de Jesus. Durante essa atividade inicial, em uma das turmas, as crianças reproduziram falas racistas, rejeitando a boneca e atribuindo-lhe características negativas por ser uma boneca negra, além de demonstrarem resistência em ouvir a história da autora.

Essa reação evidenciou a urgência de práticas antirracistas e revelou a presença do racismo já internalizado nas vivências infantis. A partir desse contexto, foi construída coletivamente uma rede de conhecimentos, baseada nas perguntas das crianças sobre a autora, possibilitando que o projeto se desenvolvesse de forma participativa e significativa, orientado pelas questões levantadas ao longo do processo. Embora o planejamento inicial contemplasse a valorização da literatura e da diversidade, as interações em sala indicaram a necessidade de aprofundar as propostas, criando possibilidades de diálogo sobre a diversidade racial e social por meio da literatura, buscando também valorizar a trajetória de Carolina Maria de Jesus e reconhecendo a escola como espaço fundamental para a problematização dessas questões desde a Educação Infantil.

Dessa maneira, o trabalho aponta a potência da literatura infantil como instrumento de letramento e transformação social, reforçando a importância de práticas pedagógicas que promovam, desde a Educação Infantil, o respeito à diversidade e o enfrentamento das desigualdades raciais, além de evidenciar mudanças nas formas de representação das crianças e na maneira como passaram a compreender e valorizar a identidade negra.

O trabalho desenvolvido caracteriza-se como um relato de experiência realizado na Educação Infantil, com duas turmas de pré-escola da Rede Municipal de Curitiba, nos



períodos matutino e vespertino, envolvendo aproximadamente 30 crianças e nove estagiárias vinculadas ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Federal do Paraná, subprojeto: Alfabetização, Letramento e Diversidade com Literatura Infantil.

As atividades foram estruturadas de forma lúdica, participativa, contemplando leituras mediadas, rodas de conversa, produções artísticas, exploração de materiais diversos e experiências voltadas à valorização da identidade. Entre as propostas exploradas, destacam-se o uso de literatura para as infâncias com protagonismo negro, a utilização de lápis de cores variadas para representar diferentes tons de pele, além da realização de oficinas culturais, como a confecção de bonecas Abayomi, que possibilitaram o contato com elementos da cultura afro-brasileira e seus significados históricos e simbólicos. Também foi desenvolvida a construção do diário coletivo “Carolina vai à minha casa”, onde as crianças levavam a boneca para casa e registravam, com o apoio das famílias, suas experiências e vivências, promovendo a articulação entre escola e contexto familiar.

A compreensão das manifestações de racismo na infância exige reconhecer que as crianças não constroem suas percepções de forma isolada, mas a partir das relações sociais e dos significados que circulam nos contextos em que estão inseridas. Nesse sentido, Costa, Pereira e Dias (2022) apontam que os espaços de educação infantil são atravessados por valores, representações e hierarquias sociais, o que torna fundamental a atuação intencional da escola na problematização dessas construções. As autoras destacam que os artefatos culturais como livros, imagens, brinquedos e demais materiais presentes no cotidiano escolar desempenham papel central nesse processo, uma vez que produzem e transmitem significados sobre identidade, pertencimento. Dessa forma, quando esses elementos não contemplam a diversidade de forma positiva, acabam contribuindo para a naturalização de padrões hegemônicos e para a reprodução de estereótipos, impactando diretamente a forma como as crianças se percebem e percebem o outro (COSTA; PEREIRA; DIAS, 2022).

Essa perspectiva permite compreender que as falas e atitudes observadas na infância não são espontâneas, mas socialmente construídas. Nesse sentido, o letramento racial na Educação Infantil não se limita a intervenções pontuais, mas exige a construção de um ambiente educativo que amplie referências e possibilite novas formas de representação, movimento que se materializa na ampliação do repertório das crianças por meio da literatura e de diferentes experiências culturais.

A literatura para as infâncias, nesse cenário, configura-se como um dos principais instrumentos pedagógicos para a construção dessas novas possibilidades. De acordo com



Costa, Pereira e Dias (2022), as narrativas acessadas pelas crianças influenciam diretamente a constituição de seu imaginário, atuando na construção da identidade. Assim, o acesso às obras com protagonismo negro e a diferentes narrativas, contribui para tensionar padrões previamente internalizados e ampliar as formas de identificação e pertencimento.

## **METODOLOGIA**

Por se tratar de um relato de experiência das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a metodologia do Projeto Carolina Maria de Jesus envolveu observação participante com idas semanais à escola. Considerando que nove estagiárias fizeram parte do projeto, cada integrante do PIBID realizava uma ida em campo por semana, em um dia e turno específico. Um dos objetivos do subprojeto do PIBID Alfabetização, Letramento e Diversidade com Literatura Infantil, é realizar a revisão das literaturas disponibilizadas para as crianças em sala de aula. Portanto, durante as observações em sala, foi feita a revisão dos livros ofertados no Cantinho da Leitura. Por fim, as estagiárias, juntamente da professora regente da turma, registravam semanalmente em um diário escrito falas e comportamentos ou brincadeiras das crianças da turma que estavam surgindo a partir das atividades desenvolvidas no Projeto Carolina Maria de Jesus.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Compreendendo a importância do letramento na Educação Infantil, utilizou-se o livro “Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e escrever” (SOARES, 2020) para fundamentar as reflexões sobre a prática de letrar. No primeiro capítulo, Magda Soares apresenta o conceito de letramento, que em resumo pode ser entendido como o uso social e cultural da língua escrita (p. 27). Na Educação Infantil, muitas práticas de letramento podem ser desenvolvidas, sem necessariamente buscar a alfabetização das crianças. Soares (2020) apresenta alguns exemplos concretos a partir da análise de uma prática de sala de aula:

desenvolver a aula em torno da leitura de um livro, despertando a curiosidade das crianças construindo uma situação semelhante à que viveriam [...] na história; levar as crianças a analisar o objeto “livro”, analisando a capa, o título, o ilustrador, as figuras [...] desenvolver habilidades de compreensão e interpretação do texto narrativo – relação das ilustrações com o texto, previsão da continuidade da história, identificação de informações na história; (SOARES, 2020, p. 326).



O Projeto Carolina Maria de Jesus desenvolveu práticas de letramento, ao utilizar livros de literatura infantil em todo o seu andamento, ao instigar as crianças à analisar cada elemento dos livros, – capa, ilustrações, imagens, autor e ilustrador – ao adotar estratégias de atenção às principais partes da narrativa – como mudar a entonação de voz, dando destaque à determinada fala ou acontecimento – e principalmente promover rodas de conversas sobre o livro lido.

Magda Soares traz, também, os diferentes tipos de letramentos. Dentre eles, o letramento literário, “que é o contato e a interação com obras da literatura infantil” (SOARES, 2020, p. 32). Pode-se reafirmar que o Projeto Carolina Maria de Jesus desenvolveu práticas de letramento literário, ao centralizar todas as atividades em diversos livros infantis que abordavam o tema da diversidade racial.

Para entender a relação entre a literatura infantil e a educação antirracista, buscou-se fundamentação nas três pesquisadoras referências da Universidade Federal do Paraná, Lucimar Rosa Dias, Samara da Rosa Costa e Sara da Silva Pereira. No artigo intitulado “Literatura Infantil e Reflexões Antirracistas no Cotidiano da Primeira Infância” (2022), as autoras abordam a importância de promover práticas antirracistas desde a Educação Infantil, com os bebês. Apresentam os possíveis desafios que serão encontrados por se tratar de uma sociedade que ainda nega o racismo e também o que pode e deve ser feito por profissionais da educação que atuam nesta etapa da educação básica.

O Projeto foi elaborado e desenvolvido com base nas reflexões provocadas pelas autoras, na medida em que instigam a utilização de literaturas brasileiras – a escolha foi pela Carolina Maria de Jesus para nomear e ser a principal autora estudada durante todo o Projeto. Além disso, assim como o artigo sugere, foram apresentados artefatos culturais afro-brasileiros em diversas atividades, como a oficina de produção de Abayomis e também a montagem de roupas utilizando tecidos com estampas africanas.

Considerando que a autora Carolina Maria de Jesus foi a figura central do Projeto, o seu livro “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” (2014) embasou toda a elaboração e desenvolvimento. As nove estagiárias foram convidadas a ler este livro, para conhecer mais sobre a história da autora. E alguns trechos foram lidos para as crianças da turma. Os diários coletivos “Carolina vai à minha casa”, que percorreram às casas das famílias, das turmas, da manhã e da tarde, foram pensados e inspirados na forma de escrita da Carolina Maria.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO



No início do Projeto Carolina Maria de Jesus, uma das turmas apresentou uma reação racista em relação à boneca que estava representando a autora.

A partir deste acontecimento, foram pensadas em atividades de combate à este preconceito que, na maioria das vezes, vem do âmbito familiar. As crianças participaram ativamente deste processo, a cada semana uma pergunta da rede de conhecimento – montadas pelas crianças - era respondida pela professora utilizando uma obra literária ou pesquisas. Com a ida dos diários coletivos para as casas das famílias, foi possível estabelecer um vínculo entre as famílias e as práticas antirracistas desenvolvidas na escola. Por exemplo, após a visita de uma trançista profissional nas salas das turmas, uma mãe fez tranças nagô para seu filho ir à escola. As meninas passaram a representar pessoas negras em seus desenhos, saindo do padrão de desenho infantis que em geral representam pessoas brancas.

“Imagem 1: Boneca de Pano representando Carolina Maria de Jesus”



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

“Imagem 2: Rede de Conhecimentos sobre a autora Carolina Maria de Jesus”



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

“Imagem 3: Abayomis produzidas”



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

Portanto, foi possível observar o desenvolvimento das crianças com as atividades do Projeto. Além de que, a turma que inicialmente apresentou uma reação de rejeição, mudou seu posicionamento e passou a olhar com respeito para a diversidade racial. As próprias crianças passaram a corrigir-se entre si quando alguém fazia um comentário pejorativo ou preconceituoso. A utilização da caixa de lápis de cor dos diferentes tons de pele tornou-se mais frequente. As brincadeiras mudaram, as bonecas pretas passaram a fazer parte do cotidiano do brincar – espontâneo e direcionado.

Por fim, houve uma percepção positiva nos registros das observações, visto que as crianças engajaram nas atividades e participaram daquilo que foi construído com eles, resignificando suas opiniões e brincadeiras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Carolina Maria de Jesus foi de grande importância para o desenvolvimento de práticas antirracistas dentro de sala de aula. Entende-se que a primeira reação de uma das turmas advém de uma construção social hierárquica, que possivelmente é reforçada em casa com comentários de cunho preconceituoso. Porém, com o decorrer das atividades ao longo do primeiro semestre de 2025, foi possível perceber a desconstrução de muitas falas racistas. As



crianças passaram a olhar de forma mais crítica para o assunto da diversidade, desde as brincadeiras mais espontâneas até mesmo em rodas de conversa mais direcionadas sobre o tema.

Conclui-se que a diversidade racial deve ser apresentada e debatida desde a Educação Infantil, não somente a partir de casos reais de racismo tampouco em datas comemorativas, mas em todos os dias letivos. O desenvolvimento do Projeto mostrou duas realidades distintas dentro da mesma escola: uma turma com bagagem de ideias racistas e uma turma sem preconceitos escancarados, que acolheu a autora Carolina Maria de Jesus desde o primeiro contato através da personificação da boneca de pano. Entretanto, se não houvesse este enfrentamento, muitos pensamentos e falas não seriam desconstruídos e poderiam ser inclusive replicados. Por fim, espera-se que o relato de experiência do presente artigo abra possibilidades de práticas antirracistas em mais escolas públicas e municipais da Região Sul e de todo o Brasil.



## REFERÊNCIAS

COSTA, Samara da Rosa; PEREIRA, Sara da Silva; DIAS, Lucimar Rosa. Literatura infantil e reflexões antirracistas no cotidiano da primeira infância. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 14, n. 39, p. 125–139, 2022. Acesso em: 20 fev. 2026.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10a ed. SP, Ática. 2014.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

